

PRÁTICAS DE LETRAMENTO NA COMUNIDADE INDÍGENA TRUKÁ –PE

Katia Maria Rodrigues Gomes (UNEB)

Resumo

O presente trabalho analisa a apropriação da escrita do livro pelas professoras indígenas Truká, da Ilha de Assunção em Cabrobó-PE. O trabalho está orientado pela perspectiva social e etnográfica do letramento (STREET, 2010) e focaliza como objeto de estudo, a escrita do livro “Na Ilha de Assunção, Reina Truká”, de autoria coletiva. A análise leva em conta as vivências fomentadas nos escritos, nas ilustrações e nas pesquisas que compõem essa obra literária como representação de cultura local repensada para compreender a luta pela afirmação identitária daquela comunidade indígena que se mostra política e culturalmente engajada e resistente à política de negação.

Palavras-chave: práticas de letramento; literatura indígena; afirmação identitária;

Introdução

O estudo relatado aqui faz parte da experiência de vida das professoras indígenas Truká da Ilha da Assunção em Cabrobó na região do submédio São Francisco a 535 km de Recife-PE, as quais registraram pela primeira vez a versão da história daquela gente numa caminhada de busca pelo fortalecimento de sua identidade indígena. Atualmente o povo Truká tem uma população aproximada de 4 mil índios que habitam os 6.200 hectares da Ilha da Assunção e os 970 hectares do arquipélago, que abrangem 84 ilhas menores.

Há muito se diz que “quem conta um conto, aumenta um ponto”, começo a indagar se as histórias contadas pelas professoras indígenas da comunidade Truká fazem parte da invenção das tradições, uma vez que, segundo Eric Hobsbawm (2008, p.9), certos valores e normas de comportamento são inculcados através da repetição e que dessa forma ocorre automaticamente uma continuidade em relação ao passado. Continuidade essa que foi, ao longo da história, muitas vezes frustrada pelas tentativas de silenciar o indígena, uma vez que poucos respeitaram seus costumes, suas crenças, seus modos de produção, enfim o modo de vida daquela gente.

Na narrativa do livro “No Reino da Assunção, Reina Truká” é possível perceber a tentativa de mostrar o quanto esse povo é e está ativo pelo reconhecimento de sua história. Essas mulheres não deixam de lado a busca pelas mudanças sociais que lhes favorecem, não desprezam as “velhas tradições”, mas também não estão fechadas aos novos padrões e adaptações da realidade social. As professoras fazem uso das práticas de letramento para apresentar seus registros históricos com base, principalmente, no “acervo de histórias orais guardado pelos sábios e sábias do Reino da Assunção”; utilizam, como diz Street (2010), outras formas de se chegar ao significado.

Conservam os velhos costumes, os velhos modelos para alcançar novas finalidades em suas festas e rituais, por exemplo. É sobre isso que o texto discorrerá nas duas seções seguintes: Práticas

de letramento nos fazeres das professoras índias Truká, discutidas aqui sob a proposta de Street (2010,33-53), a partir do artigo “Os novos estudos sobre o letramento: histórico e perspectivas” no qual apresenta ideias e conceitos que se relacionam com a compreensão de letramentos – no plural – por meio de contextos culturais; a segunda seção intitulada “Mulheres, índias, professoras, escritoras em reconhecimento da afirmação identitária Truká ” apresentará as múltiplas identidades das índias Truká, bem como elas lidam com as culturas híbridas para o fortalecimento da comunidade, e em seguida as considerações finais.

1 Práticas de letramento nos fazeres das professoras índias Truká

Na perspectiva de um olhar sobre a significação do letramento em relação às práticas escolares das professoras indígenas para a afirmação étnica Truká é relevante ter a compreensão de letramentos – no plural – por meio de contextos culturais, já que há vários modos diferentes de se representar os usos e os significados de ler e escrever em diferentes contextos sociais e que a partir das perspectivas etnográficas, a noção de práticas de letramento nos possibilita fazer uma reflexão que necessariamente traz implicações para políticas de educação e, portanto, não é uma abordagem que simplesmente descreve eventos e busca regularidades (STREET, 2010, p.40).,

Nesse caminho, compreendendo que as práticas e os usos de leitura fazem parte do cotidiano da nossa sociedade, logo acho pertinente apresentar o livro “*No Reino da Assunção, Reina Truká*”, escrita pelas professoras índias da comunidade Truká a qual contribue para a afirmação da identidade daquela gente, uma vez que há muito tempo lhes fora negado o direito de ser diferente, foram despejados da sua língua, de suas crenças, das suas tradições, das suas memórias e até de sua própria organização social, já que

as práticas de letramento são constitutivas da identidade e da personalidade (personhood), e que quaisquer que sejam as formas de leitura e escrita que aprendemos e usamos, elas são associadas a determinadas identidades e expectativas sociais acerca de modelos de comportamento e papéis a desempenhar. STREET (2007, p.466)

Enfatizo agora o modelo de letramento chamado por Street de *letramento ideológico*, o qual não é “só um modelo cultural, embora seja isso, mas ideológico porque há poder nessas ideias, [...] modelos poderosos pelas consequências que acarretam.” É isso que percebo a partir das falas dessas mulheres na escritura desta obra, no intuito de registrar sua história, de mostrar a importância do meio ambiente nas suas marcas de identidade, aparece aqui o reconhecimento do povo Truká enquanto atores principais.

Dessa forma, torna-se nítida, ao longo da narrativa, uma sequência de práticas de letramento do povo Truká quando são descritos os modos de subsistência, a feira da cidade de Cabrobó, o trabalho dos agentes indígenas de saúde, dos artesãos e artesãs, o trabalho das professoras também como pesquisadoras da sua história, das merendeiras nas escolas daquela comunidade dentre outros. Assim, como diz Street, há muito letramento acontecendo.

1.1 A escrita

“No Reino da Assunção, Reina Truká” apresenta-se em oito capítulos, e é fruto da apropriação da escrita pelas professoras indígenas e membros daquela comunidade. Esse trabalho foi realizado com o apoio do Centro de Cultura Luiz Freire; Organização das Professoras Indígenas Truká (OPIT), Organização de Professores e Professoras Indígenas de Pernambuco; UFMG no ano de 2007.

1.2 Turká ou Truká?

As mulheres Truká deixam informações preciosas no livro em análise, e desde as primeiras páginas elas apontam o quanto o hibridismo cultural é uma constante na comunidade. E o enfrentamento entre essas culturas “brancas” e “não-brancas” há uma parte sobrepondo sobre a outra, desde a perda da terra dos nativos até a alteração do nome daquele povo, com questões convencionais de um grupo dominante. Quando justificam a grafia do nome *Truká*, atribuem a origem do nome *Truká* aos Encantos de luz (antepassados), mais precisamente a um sonho do ancião Acilon que dizia ter ouvido a frase: *Tuxi, Tuxá, Tumbalalá, Nação Turká*. Porém, além de as pessoas trocarem as letras, os funcionários do governo escreviam como queriam. Numa sociedade grafocêntrica como a nossa, logo Turká passou a ser Truká.

A história de vida, de colonização, de resistência e da luta do povo Truká é contada agora pelo lugar de fala daquela própria gente. Surge, então, o entre-lugar, que conforme Bhabha (2003, 20), fornece o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular e coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade.

Inegavelmente, o povo Truká sofreu várias influências culturais europeias, apesar de o grupo de mulheres ser responsável por transmitir para os mais jovens elementos da cultura dos nativos que não poderão ser esquecidos; seja a língua, a religião e os costumes. A influência religiosa é o primeiro elemento utilizado pelas mulheres indígenas para contar o início da história daquele povo. Nesse momento surge como uma marca forte do hibridismo cultural a fusão do sagrado indígena com o sagrado do não-índio. É explícito o envolvimento de um deus com o primeiro índio “Velho Cá” que vivia no deserto, com São Pedro (santo da Igreja Católica) e com a jurema – árvore das ciências para eles indígenas.

“Quando Deus fez o mundo tinha este homem por nome Velho Cá. Era um índio que vivia no deserto. Deus andava com São Pedro e eles descansaram no pé da jurema”. Organização das professoras Truká – (OPIT, 2007, p.14)

Dessa forma a hibridez cultural de construtores e usuários, citada por Canclini (1998, p.304), entremesclam em uma mesma rua estilos de várias épocas. E em várias passagens da narrativa esse cruzamento se faz presente. Assim, mesmo tendo como a padroeira da Ilha da Assunção nossa Senhora dos Anjos, gostar de se divertir nas festas de São João, a comunidade Truká não abre mão do “Toré” que é um ritual sagrado para aquela gente, bem como o “Mesa ou Particular”, cerimônia restrita aos membros. Para eles, é no Toré que se recebem as orientações dos Encantados (antepassados), bebem-se a jurema – bebida que os purifica e lhes dá o saber para o caminho da verdade.

Aqui, as professoras começam a construir sua alteridade, de um lugar subalterno, o olhar do colonizador sobre o povo indígena. Aqui, retorno a BAKHTIN (2002) para definir alteridade como consequência do modo pelo qual enxergamos o outro e de como esse outro nos enxerga. Assim, nossas práticas discursivas dependem e revelam essa relação social. E é isso que vem fazendo a diferença, e daremos seguimento na seção a seguir.

2 Mulheres, índias, professoras, escritoras em reconhecimento da afirmação identitária Truká.

Compreendendo a tradição como um testemunho transmitido verbalmente de uma

geração para outra, as professoras indígenas da comunidade Truká resolvem ouvir seus anciãos e anciãs, com o objetivo de registrar suas experiências, agora, então como uma potência de empoderamento cultural para essa gente guerreira que não se curvou aos desejos do Estado em tratá-los sempre como subalternos, não-civilizados, não-domesticados. As professoras começam agora a construir sua alteridade, com a voz de quem viveu toda a opressão do dominante e reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar elocuições-chave, Isto é, a tradição oral, Vansina (1992 p.139-140).

“No Reino da Assunção, Reina Truká” é fruto da apropriação da escrita pelas professoras indígenas e membros daquela comunidade na tentativa de valorizar a palavra, como coloca Vansina (1992), em quase toda parte, a palavra tem um poder misterioso, pois palavras criam coisas. Assim sendo, a história de vida, de colonização, de resistência e da luta do povo Truká é contada agora pelo lugar de fala daquela própria gente. Surge, então, o entre-lugar, que conforme Bhabha (2003, p.20), fornece o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular e coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade.

É relevante considerar que toda a história registrada e resgatada pelas professoras Truká chegam até nós através da escrita, fruto de um processo sensível de escuta. Afinal quantas narrativas orais de sua comunidade, evidenciando as culturas, religião, lutas e resistências essas índias ouviram ao longo dessa trajetória?

De diferentes espaços, saem histórias construídas por mãos que até pouco tempo, “invisíveis” como das professoras pertencentes à comunidade Truká, na Ilha da Assunção, em Cabrobó, Pernambuco. Quais as culturas transmitidas por essas mulheres? Como as práticas de letramento ocorrem na Ilha? Quais os saberes que prevalecem? Como ocorre a ressignificação em suas práticas em nome da preservação de um legado cultural, da história e da luta da comunidade Truká para afirmação e reconhecimento de identidades, sem negar as influências de outras culturas, consideradas “brancas” na vida daquela gente.

Em “Na Ilha da Assunção, Reina Truká”, a identidade da mulher é colocada como papel de liderança no lar, na roça, no ritual e principalmente na luta do povo desde as mais velhas até as da nova geração que, segundo a narrativa, estão indo mais além, com uma participação mais ativa e papéis cada vez mais relevantes.

As experiências das guerreiras mais velhas informam nossa luta atual: mulheres sempre agricultoras, donas de casa, mulheres educadoras, agentes de saúde, mulheres que vão ser doutoras, mulheres que são mãe, que são jovens e velhas, que são bonitas como o Rio São Francisco e que serão lutadoras e sempre mulheres Truká [...] (idem, 91)

A luta dessas mulheres é do tamanho dos sonhos, elas não pararam nos registros que originou o livro publicado em 2007, no “Reino da Assunção, reina Truká”, elas conseguiram modificar o currículo escolar, a escola, o material didático. E os sonhos vão além, elas querem na comunidade em que vivem serem tratadas por médicas índias. Alguém duvida que elas conseguirão?

Assim, vale ressaltar que através dos estudos culturais, histórias como das mulheres Truká não se perdem no tempo. Pois, das margens elas resistem ao apagamento cultural, lutam pelo reconhecimento identitário, apropriando-se das línguas dos dominadores, elas utilizam-se em benefício da comunidade indígena, documentando e criando arquivos de uma memória indígena que não poderá ser anulada, despejada como outrora.

“a identidade Truká nasce e se constrói nesse território. Ela é reencontrada e afirmada na história contada pelos mais velhos. A nossa identidade é dinâmica e se alimenta na luta da terra, no tore, no banho do rio, no meio ambiente. Ser Truká é tudo isso e a escola tem que fortalecer.” (Idem, 103)

A narrativa traz uma abordagem sobre a relação existente entre o meio ambiente e a identidade dos Truká classificando o Rio São Francisco (Opará na língua daqueles índios) como elemento principal dessa relação identitária.

Ele é como se fosse o sangue que corre em nossas veias
Quando ele está fraco, nós enfraquecemos,
Mas quando ele está cheio de vida,
Nós nos sentimos fortes!
Com isso, a nossa identidade se fortalece.
(Idem, p.75)

Em relação às suas crianças, é abordada também a dedicação do povo Truká para com elas na luta pelo fortalecimento de sua identidade, da sua cultura:

Aqui em Truká bem cedinho as crianças já têm que aprender a lidar com a mãe terra, com o rio, valorizando e cuidando. O aprendizado em casa é essencial na sua formação e quando vão às escolas na aldeia, conhecem mais a fundo a história dos nossos antepassados, amadurecem suas habilidades e desenvolvem os seus saberes adquiridos com seus pais. Toda criança Truká precisa saber cantar as linhas do toré, dançar e conhecer a história do seu povo. (Idem, 91)

Sabe o que aconteceu com as escolas da comunidade Truká? Ora, aquelas instituições eram consideradas rurais e obedeciam ao regimento imposto pela secretaria de educação, porém as professoras e lideranças sentiram a necessidade de se organizar para lutarem por uma mudança na forma de ensinar. Lutaram por “uma escola formadora de guerreiros e guerreiros”.

Desse modo, a prática foi qualificada e com ela surge a produção dos próprios materiais didáticos, destacando: a cartilha Educação Indígena se Aprende mesmo é na Comunidade, o jornal A Borduna, os livros Caderno do Tempo e Meu Povo Conta.

Para as mulheres Truká a escola deve ser um local de afirmação de identidade, troca de saberes, e formação de guerreiros. E para formar guerreiros é necessário conhecer a história da própria comunidade e tornarem-se aliados em defesa desse povo.

2.1 O lugar do sagrado

Como lugar sagrado, a terra é apresentada ao leitor como o lugar de moradia também dos “Encantados” (antepassados) e local de sobrevivência física e cultural. Um local marcado pelas disputas entre os índios da Assunção e os posseiros que ali invadiam a fim da expropriação daquela Terra.

Destacam como rituais sagrados o Toré, dançado em locais sagrados e nos terreiros existentes

no território sob as orientações dos Encantados; bem como a Mesa ou Particular que não podem ser revelados.

Afirmam ainda que a Igreja impôs a religião Católica Romana no período da colonização, mas que, ao passar do tempo, essa religião foi reelaborada a partir do uso de elementos indígenas nas missas ali celebradas: as linhas de Toré (toantes), realizados na Ilha da Assunção; e a noite dos índios, durante o Novenário de Nossa Senhora da Conceição (que na tradição indígena é a rainha das Águas), na Igreja Matriz em Cabrobó-PE. Além da festa de Nossa Senhora dos Anjos, padroeira da comunidade Truká. Isso, pelo menos, é o que prevalece na maioria das civilizações africanas como é o caso dos rituais vivenciados na comunidade. Rituais como o Toré, antes só praticado entre eles, hoje é parte da Missa de Nossa Senhora dos Anjos – na festa da Padroeira da comunidade.

Como festas, são destacadas a de São Gonçalo, consagrada ao santo para pagamento de promessas; semana dos Povos Indígenas; São João; Novenário de São Francisco de Assis; e a Noite dos Penitentes – realizada no período da Quaresma, uma ou duas vezes por semana para cumprir a penitência da quaresma, nessa festa, o anonimato é uma das características mais marcantes desses religiosos.

O fazer dessa gente nos dias atuais refletem a influência da cultura do não-índio sobre suas atividades corriqueiras, como vestir, comer, dançar, rezar, ler, entreter-se, etc; entretanto não é desconsiderada a relevância dos antepassados no seu constructo identitário. As culturas híbridas da comunidade Truká com a atuação das mulheres daquele lugar estão cada vez mais consolidadas e propagadas. O livro criado por essas mulheres refletem a luta pela preservação das culturas. Isso porque

“As culturas já não se agrupam em grupos fixos e portanto desaparece a possibilidade de ser culto conhecendo o repertório das “grandes obras”, ou ser popular porque se domina o sentido dos objetos e mensagens produzidos por uma comunidade mais ou menos fechada (uma etnia, um bairro, uma classe)”,
ainda Canclini.

Considerações

Encerrar este texto é apenas uma forma de abrir novas páginas para os estudos do letramento na comunidade indígena, já que foi percebido através do livro escrito pelo grupo de professoras Truká da Ilha de Assunção, em Cabrobó; publicado com o apoio do Centro de Cultura Luiz Freire; da Organização das Professoras Indígenas Truká (OPIT), Organização de Professores e Professoras Indígenas de Pernambuco e da UFMG, que as mulheres sentem-se cada vez mais empoderadas. Em nenhum momento, nas minhas buscas iniciais percebi a negação de uma cultura em benefício da outra. Pelo contrário, as mulheres conseguem apropriarem-se das culturas híbridas que se cruzam na Ilha da Assunção e ressignificá-las através dos ensinamentos passados para as crianças nativas.

As crianças desde cedo convivem com as múltiplas culturas e conseqüentemente suas influências na comunidade local. Sejam através da escola, festas, rituais religiosos, costumes. As crenças e fés tomam alvos diferentes, os deuses convivem com os santos católicos, a língua portuguesa se cruza com a língua dos Trukás.

Com isso, percebe-se que esta literatura analisada vai além do que está escrito, as mulheres nativas conseguem implementar as práticas de letramento com as crianças locais. Letramento que não se prende em ensinar a ler escrever o idioma da tribo. Isso as crianças aprendem quase “naturalmente”, elas ensinam as culturas e influências na vida de cada um, as lutas do povo Truká e suas conseqüências e a importância da preservação da tradição oral para preservação da própria comunidade.

Referências

- BAHKTIN, M. [1929]. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998
- CANCLINI, Nestor García. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Trad.Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- HOBSBAWM, Eric e RANGER Terence, (org.). **A invenção das tradições**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.
- Professoras do Povo Truká: Adriana Maria dos Santos...[et al.] - **No reino da Assunção, reina Truká** Belo Horizonte: FALE/UFMG : SEDAC/MEC, 2007.124p ISBN: 978-85-7758-027-9
- STREET, Brian. Os novos estudos sobre o letramento: histórico e perspectivas. In: **Cultura Escrita e Letramento**. Org. Marildes Martinho. São Paulo, 2010.
- _____ Perspectivas interculturais sobre o letramento. **Revista de Filologia e Linguística Portuguesa da Universidade de São Paulo**. n. 8, p. 465-488, 2007.
- VANSINA, J. **A Tradição Oral e sua metodologia**. In: *História Geral da África - Metodologia e Pré-história de África*. São Paulo: Ática / UNESCO.1992

1. **GOMES, Kátia Maria Rodrigues**. Mestranda em Crítica Cultural
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO- CAMPUS II
e-mail katiargomes@yahoo.com.br